

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
FACULDADE DE BIBLIOTECONOMIA E COMUNICAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM MUSEOLOGIA E PATRIMÔNIO
CURSO DE BACHARELADO EM MUSEOLOGIA

Programa de extensão

MUSEOLOGIA NA UFRGS: trajetórias e memórias

Projeto de pesquisa

OBSERVATÓRIO MUSEOLOGIA/UFRGS: trajetórias e memórias

Projeto de pesquisa

HISTÓRIA DOS MUSEUS E DA MUSEOLOGIA A PARTIR DA ATUAÇÃO DE SEUS AGENTES

MARLISE MARIA GIOVANAZ

(entrevista)

Porto Alegre

2023



FICHA TÉCNICA

Programa de extensão: Museologia na UFRGS: trajetórias e memórias

Projetos de pesquisa: Observatório Museologia/UFRGS: trajetórias e memórias e História dos museus e da Museologia a partir da atuação de seus agentes

Número da entrevista: MSL6.3.5

Entrevistada: Marlise Maria Giovanaz

Nascimento: 14 de março de 1971

Entrevistadora: Klara Maciel Albarenque

Data da entrevista: 7 de março de 2023

Local da entrevista: Auditório 1 da Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação, Rua Ramiro Barcelos, 2705 - Santana, Porto Alegre - RS

Transcrição: Lizandra Caon Bittencourt e Ana Carolina Gelmini de Faria

Conferência Fidelidade: Ana Carolina Gelmini de Faria e Lourdes Maria Agnes

Copidesque: Ana Carolina Gelmini de Faria e Lourdes Maria Agnes

Pesquisa: disciplina Tópicos Especiais em Memória Social

Total de gravação: 1h07min

Páginas digitadas: 18p.

O programa de extensão *Museologia na UFRGS: trajetórias e memórias* e os projetos de pesquisa *Observatório Museologia/UFRGS: trajetórias e memórias* e *História dos museus e da Museologia a partir da atuação de seus agentes* estão autorizados, a partir do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido assinado por ambas as partes, a utilizar, divulgar e publicar, para fins culturais, esta entrevista de cunho documental e histórico. As pesquisas estão certificadas pela Plataforma Brasil, CAAE: 59281922.1.0000.5347 e CAAE 58646822.5.0000.5347, respectivamente. É permitida a citação no todo ou em parte desde que textual e que a fonte seja mencionada conforme especificação abaixo:

GIOVANAZ, Marlise Maria. **Marlise Maria Giovanaz**. [Entrevista concedida a] Klara Maciel Albarenque. Porto Alegre: Programa de Extensão Museologia na UFRGS: trajetórias e memórias; Projeto de Pesquisa Observatório Museologia/ UFRGS: trajetórias e memórias; Projeto de Pesquisa História dos museus e da Museologia a partir da atuação de seus agentes, 7 de março de 2023. 18p.



Fotografia de Isadora Medaglia Guarnier, 2023

Marlise Maria Giovanaz é historiadora e mestre em História pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Atualmente é professora assistente da Universidade Federal do Rio Grande do Sul no Departamento de Ciências da Informação, atuando nos cursos de Arquivologia, Biblioteconomia e Museologia. Tem experiência nas áreas de História, Arquivologia, Museologia, com ênfase em História Regional do Brasil, atuando principalmente nos seguintes temas: museologia, memória social, história da cidade, Museologia LGBT e educação e patrimônio cultural.



Porto Alegre, 7 de março de 2023. Entrevista com Marlise Maria Giovanaz, a cargo da pesquisadora: Klara Maciel Albarenque, para o Programa de Extensão Museologia na UFRGS: trajetórias e memórias, o Projeto de Pesquisa Observatório Museologia/UFRGS: trajetórias e memórias, e o Projeto de Pesquisa História dos museus e da Museologia a partir da atuação de seus agentes.

K.M.A. - Agradecemos a gentileza da professora Marlise Giovanaz em aceitar o convite para essa entrevista, pois é uma professora que imprime sua marca no imaginário coletivo dos alunos da Museologia, que sempre a lembram com muito afeto. Pode nos contar um pouco sobre a sua infância?

M.M.G. - Olá, bom dia! Então, obrigada pelo convite, sendo eu uma das pessoas responsáveis pela disciplina [Tópicos Especiais em Memória Social] também [risos]. Sobre a minha infância, eu sou a sétima filha ou última, filha de um casal de agricultores na cidade de Nova Bréscia, interior do estado [do Rio Grande do Sul]. Portanto, não fui uma filha planejada, fui temporona. Somos cinco mulheres e dois homens. As minhas irmãs mais velhas, todas estavam na faixa dos 20 anos, quando eu nasci. Então tenho esse privilégio de ser uma criança no meio de muitas outras pessoas. E, também tenho essa diferença geracional, meus irmãos mais velhos são de uma outra geração, nascidos lá na década de [19]50. Então eles tiveram a preocupação que eu tivesse várias coisas que eles não tinham tido. Então eu, por exemplo, tinha acesso a livros, tinha acesso à escola muito antes do que os meus irmãos e minhas irmãs. Então, eu cresci nesse ambiente, fui a escola muito cedo, porque era essa coisa de que uma das minhas irmãs mais velhas trabalhava na escola. Então, eu com três anos, já estava na escola e desde então, praticamente, nunca mais saí. Estudei, fui, frequentei o jardim e sabia ler antes dos colegas, porque tinha essa sensação, eu me lembro das minhas memórias mais antigas da infância, de pensar que todo mundo na casa sabia ler e eu não sabia, que todos já eram adultos, eram leitores, que estavam agora às voltas com livros e se eu não sabia ler alguma coisa me irritava. Daí eu lembro que quando eu cheguei no primeiro ano já sabia ler porque



era aquela coisa. A minha infância foi em uma cidade do interior, onde tu não tem perigo praticamente nenhum... com a família bem católica, uma família de muita atenção, fui uma criança muito acarinhada, muito colo. Com nove anos eu já era tia, tenho 12 sobrinhos e, portanto, você está sempre, sempre muito cercada de pessoas. Com 20 anos saí de casa, fui a primeira filha a sair da cidade também. Todos os meus irmãos e irmãs ainda moram lá e eu queria fazer faculdade e essa coisa que a gente não tinha muito recurso. Fiz vestibular da UFRGS [Universidade Federal do Rio Grande do Sul] e passei na primeira vez sem fazer cursinho nem nada. Passei para o curso de História, então vim para Porto Alegre para fazer História. Era uma coisa que eu gostava, era uma coisa que me interessava, mas não pensava muito em ser professora nem nada disso. A minha vida não é feita de decisões pensadas, é de decisões que acontecem dentro de mim, que tomam e têm consequências. Então vim para cá. Uma das coisas que eu sabia é que tinha a Casa do Estudante e eu não tinha grana, tinha só esse jeito de ficar em Porto Alegre. Então eu fui, fiz seleção para todas as casas de estudantes da UFRGS [Universidade Federal do Rio Grande do Sul] e passei em todas. Escolhi morar no Centro, na CEU [Casa do Estudante Universitário] e morei lá durante a faculdade. Me formei e essas coisas todas.

K.M.A. - Antes de falarmos sobre a graduação de Museologia, como é que era a sua relação com museus? Esse meio te influenciou a fazer o curso de História?

M.M.G. - Eu conhecia a ideia de museu. Penso na escola, a maior parte de nós teve uma experiência. A primeira vez que entrei em um museu foi quando a escola fez uma excursão para Porto Alegre que nós visitamos o Museu Julio de Castilhos, o MARGS [Museu de Arte do Rio Grande do Sul Ado Malagoli], o estádio do Inter [Estádio José Pinheiro Borda, do Sport Club Internacional] e o estádio do Grêmio [Estádio Olímpico Monumental, propriedade do Grêmio Football Porto Alegrense, atualmente desativado], que fazia parte desse tour



cultural... foram os dois primeiros museus que eu entrei na vida, o Museu Julio de Castilhos e o Museu de Arte do Rio Grande do Sul [Ado Malagoli]. Fiquei bem impactada, fiquei bem impressionada porque eu já gostava dessas coisas de história. Na escola eu já gostava porque eu sempre gostei muito de literatura, era um espaço imaginário que me interessava muito ainda desde a escola. Quando eu conheci os museus, eles passaram a fazer parte desse mesmo imaginário, que é como elabora o passado, os ícones da cultura. Depois, quando vim morar em Porto Alegre, enquanto estudante eu frequentava muito, é uma coisa que hoje em dia não existe mais, que eram os vernissages, que eram as aberturas de exposição, onde tinha comida de graça, e bebida [risos]. Isso era os anos [19]90, então frequentava esses ambientes de aberturas de exposição. Além da diversão a gente acaba pegando alguma coisa, né?! Começamos a reconhecer aquele círculo de pessoas, de agentes culturais... então faz parte deste tempo um diálogo com a Museologia nesse aspecto.

K.M.A. - E o que acha que realmente te levou a virar historiadora, além de toda essa paixão?

M.M.G. - Em minha mente é sempre muito difícil definir isso, porque eu poderia ter feito várias outras coisas. Acho que teria me realizado também. Por exemplo, eu tinha um entendimento anterior que queria fazer jornalismo, mas achava que não ia passar no vestibular, imagina, eu já teria estado na FABICO [Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação] antes se eu tivesse feito isso, mas eu entendia que não ia ser o suficiente... sei lá, você tinha que fazer uma escolha, naquele caderninho impresso que a gente assinala, curso, primeira opção e segunda opção. Era algo que era como a gente ia se inscrever no vestibular, tinha que vir aqui na universidade. Eu me lembro dessa viagem de sair lá de Nova Bréscia, vir na Reitoria, retirar esse “formulariozinho”, preencher, e naquele momento eu tinha que dizer para qual curso que ia me candidatar. Eu pensava: é importante que eu entre na universidade, eu queria fazer Jornalismo, mas achei



não vai, a média é alta, já tinha estudado, vou colocar História que vai dar certo. Coloquei História, a primeira opção, Ciências Sociais, segunda opção. Depois eu fiz a média que dava para entrar no Jornalismo, mas aí já estava lá, então vou ver como é, comecei a fazer e gostei muito. Mas eu acho que se eu tivesse feito Ciências Sociais teria gostado também. E se eu tivesse feito Jornalismo, teria gostado também. Às vezes a gente projeta uma paixão, eu poderia ter estudado história em qualquer uma dessas áreas. Esse diálogo ia ser produzido em qualquer uma dessas áreas. Então foi isso, caiu a História. Eu gostei de estudar História, achei ótimo. Eu via aquele monte de texto e achava que estava arrasando, estava sempre muito feliz com as descobertas... essa coisa de estudar realmente é uma coisa que modifica a gente. O ambiente da universidade modifica muito a nossa vida, te habilita a debater e a escrever. É um mundo que te transforma mesmo.

K.M.A. - E durante a graduação, a Museologia apareceu de alguma forma nesse caminho?

M.M.G. - Pensem que isso foi os anos [19]90, início dos anos [19]90, que eu estava na graduação. Então, a Museologia. Eu tenho a impressão, que eu não sabia que existisse um curso de graduação em Museologia, apesar de já existir dois cursos bem antigos. Mas a História é um universo próprio. Enquanto aluna da História, eu fui, participei de projeto de extensão e de projeto de pesquisa. E aí a gente tinha a oportunidade de estágios. Então eu fui ser estagiária da Prefeitura [de Porto Alegre], me inscrevi para ser e fui selecionada para estagiar no Museu de Porto Alegre [Joaquim Felizardo], já no segundo ano da faculdade [de História], no terceiro ano e eu conhecia já o Museu [de Porto Alegre Joaquim Felizardo], mas não sabia, não entendia muito como funcionava, foi tudo uma novidade, um aprendizado. Quem era a diretora do Museu [de Porto Alegre Joaquim Felizardo]? Era Zita [Rosane Possamai]. Então eu, estudante, chego lá e vou ser estagiária da Zita [Rosane Possamai] e ela recém tinha assumido como



diretora e foi uma experiência muito legal, muito enriquecedora, porque muito antes de eu saber o que era Museologia, com curadoria compartilhada ou qualquer coisa assim, eu lembro que ela levava o processo lá no Museu de Porto Alegre [Joaquim Felizardo], de uma forma assim, muito horizontal. Eu era estagiária, Alice [Dubina Trusz], hoje historiadora, especialista em cinema, também era estagiária. O André [Luiz] Reis [da Silva], que é professor das Relações Internacionais, também era estagiário. Então nós tínhamos um grupo, e eu me lembro de que a opinião dos estagiários, quando estava fazendo uma exposição, era ouvida, havia um diálogo. Ah, pois é, vamos fazer, vamos montar uma exposição, eu me lembro de montar uma exposição sobre o Lupicínio Rodrigues, estudamos as questões do bairro, a música, à noite, a boemia porto-alegrense, pesquisando nos jornais da cidade, fazendo a entrevista lá no bar Dona Maria lá no centro, os estagiários participando e propondo coisas junto com os funcionários. No final tinha uma exposição todos nós nos sentimos ali, sabe? Isso eu sempre falei da Museologia, que eu tento reforçar, eu não sei se os alunos hoje têm essa noção de que é um dos campos que permite essa coisa da criatividade. É tão importante a gente poder ser criativo e poder inventar coisas, pois na História, isso não existe. Na maior parte das ciências tradicionais, a gente não tem essa liberdade. Eu gostei muito dessa primeira experiência. O contato também com a sociedade, eu me lembro, depois que acabou meu contrato como estagiária, a Zita [Rosane Possamai] mexeu lá os esquemas e me contratou no Museu [de Porto Alegre Joaquim Felizardo]. O Museu [de Porto Alegre Joaquim Felizardo] tinha um conjunto de exposições, de painéis, coisas assim. Veja a ideia da Zita [Rosane Possamai] em [19]94, que a gente levasse essas exposições para vários lugares da cidade. Então eu me lembro de levar lá numa escola, na Vila Nova, no Centro Cultural da Restinga, em bares no centro da cidade. A gente levava e montava exposições fora do museu. Então a minha principal experiência foi o Museu de Porto Alegre [Joaquim Felizardo]. Depois disso um outro diálogo que eu tive com a Museologia foi já enquanto professora, desde 1999, como professora do curso de História da ULBRA [Universidade



Luterana do Brasil] e eu tinha como colega uma professora historiadora Naira Vasconcelos, que era funcionária do Museu Júlio de Castilhos. Então nós inventamos lá no curso da ULBRA [Universidade Luterana do Brasil] um estágio em museus que os nossos alunos, alunos do curso de História, faziam um estágio em museu, preparando um pouco os futuros historiadores para esse trabalho também. E depois estendemos para várias outras instituições, foi uma experiência interessante de aproximar o trabalho dos museus com o trabalho dos historiadores. Também acho que foi bem marcante na minha aproximação com o campo.

K.M.A. - E como é que se deu esse caminho de aluna se tornar professora?

M.M.G. - Aluno a gente é, para sempre você está sempre aprendendo a ser professor, como eu disse na minha primeira formação em licenciatura em História. Vocês não fazem ideia o quanto eu odiei dar aula, então a coisa mais horrível que aconteceu na minha vida foi o meu estágio de docência na graduação, os alunos me odiaram e eu odiei os alunos, foi terrível. Eu fiz estágio docência no Colégio de Aplicação, a professora titular, da turma que eu estava dando aula, não saiu, não arredou o pé da sala de aula nem um segundo, ficou e ela ficava xingando os alunos durante a minha aula para ficarem quietos. Eu achei péssimo, traumático. Quando eu fui dar aula na ULBRA [Universidade Luterana do Brasil] foi a Sandra [Jatahy] Pesavento que me indicou. Mas aí não eram crianças, na universidade eu achei diferente. Tu tem um outro nível de diálogo com os sujeitos, gostei da ideia de trabalhar com adultos. E ser professora significa estudar muito mais do que qualquer situação quando se é aluno. Depois que eu comecei a dar aulas eu entendi o que é realmente aprender, porque a gente tem que ter uma apropriação de qualquer conteúdo muito maior, sabe? Se você consegue explicar um conteúdo para alguém, é porque realmente aprendeu. Então, ser professora foi uma revolução na minha vida. Agora fez 24 anos que eu sou professora, eu ainda sou tão jovem, mas é



uma coisa que eu gosto muito, me realizou profissionalmente. A coisa que eu mais gosto é de dar aulas, a pesquisa é uma coisa que demora para dar resultados, a extensão, dá resultados rápidos, é verdade, também é um lugar legal, mas é na sala de aula onde os resultados são mais rápidos. Nesses 24 anos aprendi que eu posso ensinar muitas coisas, até as coisas que eu não sabia há pouco tempo. Por exemplo, uma coisa era eu, professora de História, dava era aula de História Moderna, História Contemporânea. Eu me sentia totalmente proprietária daquele conteúdo, era o meu território, eu já fazia aquilo, tinha essa legitimidade. Em 2005 eu fiz concurso para a FABICO [Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação] para o curso de Arquivologia, fiz o concurso porque trabalhava com a professora Lizete [Dias de Oliveira] lá na ULBRA [Universidade Luterana do Brasil], éramos colegas, entramos juntas na ULBRA [Universidade Luterana do Brasil] também próximas. Ela fez o concurso daqui [Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação] e falou, vai abrir novamente, venha faça o concurso, vai ser legal. E o que eu sabia de Arquivologia? Nada, eu tinha lido uns três, quatro livros só e era só o que tinha. Biblioteconomia era uma coisa que também sabia que existia porque frequentava a biblioteca. Mas enfim, eu não passei em primeiro lugar, passou uma arquivista que era a necessidade que eles tinham. Depois abriu uma vaga e só tinha eu de aprovada em concurso eles foram obrigados a me chamar, senão eles perdiam a vaga. Daí cheguei aqui e foi difícil... claro, estava a Lizete [Dias de Oliveira], que era minha amiga, conhecia a Ana [Maria] Dalla Zen, que me recebeu perfeitamente, me acolheu para a sala dela... vejam o que deu, chegamos aqui, começamos a constituir uma facção dentro do Departamento de Ciências da Informação, a facção das historiadoras que não concordavam com nada, estavam sempre insatisfeitas, sempre inventando coisas... comecei a trabalhar História dos Registros Humanos, disciplina que eu dei pra vocês, para a maior parte, inclusive, e outras disciplinas que foram surgindo. Quando surge essa ideia do curso de Museologia foi claro a facção a primeira a se alinhar. Eram os refugos, por um lado, pensavam alguns, mas a gente sentia



que tinha um potencial todo que não tinha sido explorado, nosso e da Faculdade [de Biblioteconomia e Comunicação]. Inventar o curso de Museologia era o caminho para poder ter espaço de trabalho, para poder fazer coisas, para poder ter projetos. Então aos poucos... acabamos nos convertendo para Museologia.

K.M.A. - E como era esse início, as reuniões? Como é que o curso [de Museologia] foi pensado?

M.M.G. - A professora, quem comandou o processo todo foi a professora Iara [Conceição Bitencourt Neves], sempre muito cuidadosa, mas também muito, muito formalista, isso foi importante. Ela [Iara Conceição Bitencourt Neves] buscou o Sistema Estadual de Museus, buscou o Conselho Regional [de Museologia], buscou por gente especialista na questão pedagógica. O grupo que formou oscilava, não foi sempre o mesmo. Quando eu entrei aqui [Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação] já fui em seguida indicada para fazer parte do grupo também, né?! Então a Lizete [Dias de Oliveira], a professora Martha [Eddy Krummenauer Kling Bonotto] participou bastante, bem ativamente. A gente fazia reunião semanal, então havia uma pesquisa sobre como os cursos [de Museologia] que já existiam, sobre as diretrizes curriculares. Eu me lembro de um debate grande, para saber qual era o perfil do profissional, o que se esperava, qual era a missão do curso [de Museologia], todos os aspectos que hoje continuam presentes no projeto pedagógico foi seu primeiro desenho. Então era um grupo que tinha os debates mais genéricos, depois no momento da implementação do curso [de Museologia], o grande documento tornou-se o primeiro projeto pedagógico do curso [de Museologia]. A versão final do documento tem muito da mão da professora Ana [Maria] Dalla Zen e do Valdir [José Morigi]. Daí já pensando numa questão mais prática, porque primeiro, uma coisa é a comissão para a criação do curso [de Museologia], que pensou mesmo nas suas perspectivas a longo prazo, de



pensar o que é o perfil do profissional, sua missão, como é que nós podemos desenhar esse curso [de Museologia]. Outra coisa é moldar o projeto ao Reuni [Programa de Apoio a Planos de Reestruturação e Expansão das Universidades Federais], são dois momentos diferentes. A comissão é anterior, inclusive ao Reuni [Programa de Apoio a Planos de Reestruturação e Expansão das Universidades Federais]. E aí passou a ideia de fazer parte desse programa de reestruturação universitário proposto lá em 2004, 2005, pelo governo Lula [Luiz Inácio da Silva], e que a UFRGS [Universidade Federal do Rio Grande do Sul] aceitou fazer parte, e foi o que tornou possível a Museologia ser implementada. Se não fosse pelo Reuni [Programa de Apoio a Planos de Reestruturação e Expansão das Universidades Federais], o curso [de Museologia] não teria acontecido, porque ele significou as condições materiais e pensem que o Departamento [de Ciências da Informação] tinha recém passado por um processo traumático de criação de curso, que é a criação do curso de Arquivologia e a lara [Conceição Bitencourt Neves] também enquanto membro aqui do Departamento [de Ciências da Informação] se dedicou a criar um curso de Arquivologia naquele momento [19]99, 2000, ou seja, um outro governo, uma universidade esvaziada, não tinha nada, sucateada. O que aconteceu? Não tinha vaga de professor. Então o curso de Arquivologia funcionou três ou quatro anos sem professores, sem arquivistas, depois uma única arquivista, a professora [Ana Regina] Berwanger, depois veio o professor Jorge [Eduardo Enríquez Vivar], lá de Santa Maria, mas funcionando de forma super capenga. Daí o que acontece? Eles fazem concurso, entramos eu e a Lizete [Dias de Oliveira], que não éramos arquivistas. Então o Departamento [de Ciências da Informação] não foi favorável inicialmente a criação do curso de Museologia porque tinha essa experiência muito ruim de criar um curso na força, criar um curso lá na cara e na coragem, sem financiamento. E aí vocês vejam como são duas histórias totalmente diferentes. O curso de Arquivologia ser feito assim... e o curso de Museologia, colocado dentro de um programa onde há dinheiro, onde há criação de condições materiais, de estabelecimento



de um curso... o curso de Museologia vai, antes da Arquivologia, formar um conjunto de professores, mesmo sendo criado com oito anos de diferença. Vai ter laboratórios, coisa que o curso de Arquivologia demorou mais tempo para ter. Então a importância do Reuni [Programa de Apoio a Planos de Reestruturação e Expansão das Universidades Federais], constituindo um campo mesmo de conhecimento. Isso foi essencial.

K.M.A. - E como tu passa a atuar no curso de Museologia, nas disciplinas, os encargos, projetos de extensão?

M.M.G. - Quando o curso [de Museologia] foi criado não tinha professores. Foi feito inicialmente uma seleção de professor substituto. Veio a professora Valéria [Regina] Abdalla [Farias], que foi nossa primeira professora museóloga, logo nos dois primeiros anos. Então a Valéria [Regina Abdalla Farias] ministrou todas as disciplinas exclusivas da Museologia desde lá do início, eu ensinava História dos Registros Humanos, a professora Lizete [Dias de Oliveira], a Introdução aos Estudos Históricos. A gente meio que fez um arranjo ali que dava para ir levando o primeiro ano, foi resolvendo os problemas conforme fossem surgindo, a Ana [Maria] Dalla Zen foi a primeira coordenadora da COMGRAD [Comissão de Graduação] e eu era vice dela naquele momento. Depois eu fui coordenadora, a segunda coordenadora. Então a gente ia conforme as coisas surgiam, daí chega uma outra turma. Duas turmas andando, eu dei várias disciplinas, várias coisas que eu não sabia, mas precisei estudar e aprender, eu ensinei Museologia e Arte, uma coisa que eu não sabia, mas que eu estudei bastante, aprendi várias coisas, gostava... achei muito divertido, gostei muito, fez eu gostar de arte contemporânea. Antes eu tinha até um certo constrangimento nos museus de arte contemporânea, depois de estudar bastante adoro, me divirto muito, sempre. Então eu vejo como ganho pessoal estas coisas. Eu ensinei várias coisas e quem ganhou mais fui eu, assim que eu entendo. Dei Museologia no Mundo Contemporâneo, dei várias



disciplinas. Inclusive a coisa mais louca que eu fiz foi ser professora da disciplina de Prática de Exposições Museológicas. Então foi assim que se reconfigurou a versão atual, onde, em geral, ministro duas disciplinas ou às vezes três, porque tem a Introdução aos Estudos Históricos. Então, no primeiro ano, acompanho os alunos do curso de Museologia. Por isso que eu me sinto muito participante, porque eu acho que ela [a Museologia] também é o resultado do que a gente construiu, um lugar onde eu posso fazer pesquisa, onde eu posso fazer extensão, onde eu posso dar aulas e não sou desautorizada... Não sou museóloga, mas eu acho que eu tenho coisas a trazer aqui para a Museologia. Eu me sinto muito bem, eu sinto muito bem recebida.

K.M.A. - E na formação dos alunos, qual é a principal diferença que teve nos primeiros anos para a formação de hoje em dia?

M.M.G. - Pode parecer meio rude [pausa longa]... mas eu acho que o aluno é o resultado das próprias escolhas, muito mais do que o resultado de um currículo, ou de uma de uma orientação. Eu não me sinto tão responsável porque os alunos não são resultado exatamente de uma aula... existe muito de autonomia, muito do sujeito e como cada um vai levar as coisas, porque assim todos esses processos são dinâmicos. Então qualquer currículo é dinâmico, ele nunca vai ser igual para nenhum estudante, por mais que tenha tido as mesmas disciplinas, vai ter as particularidades individuais daquele aluno. Isso vai deflagrar a forma como ele vai se formar. Então são muitas variáveis. Mais do que se o professor é bom ou ruim. Eu, enquanto estudante, lembro de ter professores no curso de História, que se eu olhasse para frente e visse a pessoa dando aula, eu teria que me retirar da sala de aula, porque não suportava... mas aquele conteúdo, eu tinha que aprender, eu tinha que saber. É uma estrutura e assim é a vida. Então, aquele primeiro o currículo é um currículo possível dentro daquele tempo... claro que o currículo hoje é muito melhor. Por quê? Porque agora tem um grupo que permite que ele seja melhor,



que permite que haja essa diversidade. Permite que existam mais disciplinas, permite que aconteçam mais projetos. Então, não quer dizer que os alunos vão se formar melhores, você entende? Então é uma via de mão dupla. Mas sem dúvida hoje o curso [de Museologia] tem mais condições.

K.M.A. - O curso [de Museologia] está mais próximo do que idealizou dele?

M.M.G. - Eu entendo a Museologia como um diálogo maior com mais áreas. Então, uma coisa que eu defendia desde as primeiras reuniões era que os museólogos tinham que frequentar os outros câmpus, tinham que fazer disciplinas de Antropologia, da Administração... só que esse é um limite que a própria universidade coloca, que é muito difícil fazer disciplinas de outros departamentos, permitir esse trânsito. E apesar de todo esse discurso da transdisciplinaridade, na prática, na universidade ainda se organiza em cátedras, ainda são os departamentos. Então, então eu entendo que seria bom para o museólogo ter essa interação com outras áreas e acho que ela ainda é pequena. Isso ainda poderia ser uma coisa melhorada.

K.M.A. - Pode falar um pouquinho para a gente sobre a experiência que vem ocorrendo desde 2016 entre a Museologia e o nuances?

M.M.G. - Em primeiro lugar, vem do mundo dos afetos, porque o nuances foi fundado na Casa do Estudante quando eu morava lá. Quando eu saí de casa e eu vim morar aqui [em Porto Alegre], eu não tinha ninguém da família aqui. Foi um dos momentos da minha vida que eu me senti mais livre, porque aquela coisa da cidade de interior que ficava policiando e patrulhando o nosso comportamento, que tu fazes, o que é que tu dizes, com quem tu andas. Eu vim para cá [Porto Alegre] e senti pela primeira vez essa liberdade, que eu poderia ser realmente o que eu quisesse, assim não tinha que dar explicação para ninguém. E um dos grupos que mais me acolheu foi exatamente o nuances, os



meus amigos, meus melhores amigos até hoje. Célio Golin, Marcos [Renato] Benedetti, os guris. O Marcos [Renato Benedetti] fazia Sociologia, os dois faziam [ciências] sociais e a gente morava no mesmo andar. E a gente ia no jogo de futebol junto, que eu gostava muito de futebol. Frequentamos o Olímpico [Estádio Olímpico Monumental] muitas vezes juntos, e saíamos à noite. Eu tenho essa ligação afetiva com eles. Isso significa que lá em [19]90 e poucos eu já escrevia para o Jornal do Nuances, tem texto meu escrito sobre pegação na Redenção e a reflexão histórica disso, sobre Copa do Mundo e o quanto valia a pena só para olhar os *boys*, sabe? [risos]. São as coisas que eu me permiti. Essa relação me permitiu coisas que a História certamente não teria permitido... a gente sempre esteve muito junto todo esse tempo, mas eu não tinha e eu acho que nem eu, nem o Célio [Golin], e nem as outras pessoas do nuances, nós nunca tínhamos dado conta que a gente poderia trabalhar junto. Daí em 2016, quando foi feita a exposição “nas margens” [Uma cidade pelas margens], a Leticia [Brandt Bauer] convidou o Benito [Bisso Schmidt] e daí o Célio [Golin] disse, mas porque se chamou só Benito [Bisso Schmidt], vamos chamar também a Marlise [Maria Giovanaz]. Eu acho que foi daí que eu ... pelo menos foi a primeira vez que eu me dei conta que aquilo era uma força museológica. Eu não tinha pensado nisso antes porque é isso, quando está no nosso cotidiano, quando está no nosso dia a dia, é difícil às vezes da gente pensar, sabe? E depois que rolou essa exposição, eu me lembro que a gente estava passando o ano novo juntos, o Célio [Golin] e o grupo todo. E daí ele [Célio Golin] disse: eu vou te fazer um convite, mas vamos fazer uma coisa oficial, vamos fazer uma parceria nós [nuances] com o curso de Museologia, eu disse: vamos mesmo, vamos pensar isso, foi em 2017, sei lá. Daí trouxe essa demanda aqui para o curso [de Museologia], convidei a Ana Carolina [Gelmini de Faria] e desde então temos feito várias coisas. Sempre achei muito poderosa essa questão da Museologia Social. Ao mesmo tempo, na prática, eu via sempre como muita problemática, as experiências que eu conhecia, que eu tinha visto de Museologia Social elas não eram horizontais, ou seja, não eram todos os sujeitos... eu acho isso uma



coisa difícil de fazer, porque a universidade, ela sempre se coloca... É difícil, a gente é prepotente, a gente chega e quer determinar como vai ser. E para aqui dialogar tu tens que colocar e tem que estar todo mundo na mesma posição e isso é muito difícil de fazer. Quando a gente começou a trabalhar com o nuances eu entendi o que era Museologia Social, que nós estamos dialogando com a sociedade civil e que eles, exatamente por terem toda essa experiência de militância, de reunião, de luta, se colocam no mesmo nível sempre. Então é um orgulho também de conseguir fazer uma coisa que eu acreditava que era possível fazer, vê-la se concretizando. Eu acho que na Museologia Social precisa desses afetos, se vai trabalhar com a comunidade tem que estar afetado por essa comunidade, tem que se sentir participante, tem que estar sensível a causa, porque é sempre uma causa também que está em jogo. E eu me sinto muito sensível por essa causa da diversidade, porque já vi meus amigos passarem por todo tipo de constrangimento e situações que ninguém na vida deve passar. E eu me sinto comprometida a tentar mudar isso.

S.L.V.J. - Posso fazer uma pergunta?

M.M.G. - Claro.

S.L.V.J. - Para mim o nuances é uma organização do movimento social das mais importantes. Quem sabe do Rio Grande do Sul, de certa forma, são precursores desse debate público. E aí eu queria saber se existe uma relação, isso com o papel do museólogo. Até que ponto a gente pode atuar nesse lugar entre a História e a memória e essa memória vira História, porque, por exemplo, A Nega Lú, a exposição [Nega Lú: um frenesi na maldita Porto Alegre] salvaguardou a memória de um dos personagens mais importantes desse processo, que foi a Nêga Lú. Eu queria uma reflexão desse lugar do profissional.



M.M.G. - Nem todas as organizações têm essa consciência histórica e eu vejo que o Nuances age já com essa responsabilidade de memória, se tu pensar, a figura da Nega Lú é um exemplo clássico disso. No Jornal do Nuances, quantas reportagens tem, [19]90 e poucos, já está lá falando na Nega Lú, depois o vídeo que fizeram com o Catarse. Então o Nuances tem a dimensão histórica desse personagem maravilhoso que é a Nega Lú, como alguém que rompeu as barreiras sociais, de classe, de gênero, de cultura, de religião. Foi porta-estandarte do carnaval, já pensou isso? Que loucura lá nos anos [19]70, né? Então eles atuam com consciência histórica, pegando uma perspectiva bem marxista, a consciência de classe é a consciência histórica. Eu acho que isso realmente é o diferencial do Nuances, porque há vários outros coletivos. Eu vejo, por exemplo, uma outra organização que tem importantíssimo papel dentro dessa mesma área e que isso poderia fazer um trabalho incrível é o Igualdade [Associação de Travestis e Transexuais do Rio Grande do Sul]. Uma história fortíssima, fez projetos impressionantes, mas ainda não foi cooptada pela Museologia, é uma questão de tempo até isso acontecer também. A Museologia tem esse potencial de fazer isso com várias instituições que não estão ainda contempladas, eu penso o MST [Movimento Sem Terra], eu penso o movimento das mulheres, esses coletivos femininos que até no curso de Museologia uma exposição produziu um pouco desse diálogo [exposição curricular Nós Podemos: a mulher da submissão a subversão], mas não houve continuidade, porque também isso é um problema da Museologia Social. E a questão da continuidade não é ir lá fazer um negocinho... não. Eu tenho que manter ao longo do tempo, né?! Então eu acho que o museólogo, enquanto agente cultural, agente social, este é um aspecto que ainda tem muito espaço para fazer e que nós vamos ver se com a coisa da prática extensionista no currículo, acho que as portas estão abrindo e cabe a gente ocupar, fazer e realizar.

S.L.V.J. - Porque não é uma simples exposição, é o registro da memória daquela história, daquela pessoa. Não era simplesmente uma exposição.



M.M.G. - Não, é uma continuidade se tu pensares que o nuances se aplica em garantir a memória da Nega Lú a longo prazo. Eu chorei no domingo de manhã, às 05h30 da manhã, com o Marcelo Adnet falando da maravilha de trazer a Nega Lú para o Carnaval Popular de Porto Alegre. É um salto aquilo que é um personagem, a garçonete do [bar] Doce Vício, que me servia quando eu ia lá nos anos [19]90. Hoje, depois foi objeto de entrevista, de um documentário, de uma exposição, foi tema de uma escola de samba e agora cada vez vai crescendo tornando a memória menos frágil, vai se expandindo. É o processo.

K.M.A. - Na sua opinião, qual foi e qual é o impacto dessa graduação [de Museologia] para o campo museal no Rio Grande do Sul?

M.M.G. - Nós tomamos o poder, né? [risos]. Mas, não é?! Os museus têm como diretores nossos ex-alunos, isso não é só nos 15 anos, 15 anos é agora, mas isso já está acontecendo há três ou quatro anos. O sucesso está aí, não só no Rio Grande do Sul como fora daqui. Nossos alunos estão aí, estão fazendo as coisas, estão no interior do estado [do Rio Grande do Sul]. Mostra a necessidade que existia de ter um curso [de Museologia] e o potencial que ainda há, várias portas para ser transpostas, né?! Vejo como um sucesso. Vejo que as pessoas reconhecem a importância desse profissional, reconhecem o valor desse profissional para a sociedade. É nos museus históricos, nos museus de arte, nos museus de clubes de futebol, portanto, nos museus privados, a pós-graduação se constituindo e se fortalecendo. Eu vejo como um sucesso. Eu me sinto, me sinto como tendo participado do projeto “Um case de sucesso”.



K.M.A. - E como é que observa a trajetória do curso [de Museologia], suas principais conquistas, os desafios?

M.M.G. - Acho que foi uma longa trajetória. A gente teve alguns baques, que também resultaram em coisas muito interessantes, é do tombo que a gente faz alguma coisa, né?! Então, que resultaram em mudanças do currículo, que resultaram em trazer mais gente para cá e parcerias. Tudo. Cada coisinha que hoje, para nós, parece simples, foi conquistado gente! Então, assim, na semana passada estávamos lá entrevistando a Ana [Maria] Dala Zen, naquele lugar [Mezanino do Museu da UFRGS] onde acontecem as exposições curriculares do curso de Museologia. A primeira exposição foi lá no Memorial do Rio Grande do Sul. Depois foi no Memorial do Ministério Público, porque a gente não tinha um lugar. As pessoas diziam: “Ah, vamos fazer uma exposição aqui no saguão da FABICO [Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação]”... não, a gente é muito maior que isso, a gente é criativa, a gente faz coisas incríveis, a gente faz, inventa e reinventa, né? Então até conquistar aquele lugar [Mezanino do Museu da UFRGS], até que ele fosse registrado como um espaço laboratório nosso, aquilo foi um processo longo, né?! Então, os laboratórios de Criação Museológica, de Conservação [Cultura Material e Conservação], tudo isso a gente foi dando passinhos e esses passos foram consolidando o nosso lugar. Hoje, aquela facção que se constituiu quando eu cheguei aqui, já é uma facção maior. Nós ainda vivemos como uma facção do Departamento [de Ciências da Informação] lutando, às vezes sendo odiados, já sendo chamados de estrelinhas do departamento, porque a gente consegue as coisas que a gente quer, ainda estamos aí lutando. É que eu sempre digo é aqui no cotovelo, né? Vai, vai abrindo espaço assim, conforme dá.



K.M.A. - E quais são as suas expectativas para os próximos 15 anos da Museologia no Rio Grande do Sul?

M.M.G. - Eu acho que a gente está bem encaminhado, foram muitas portas abertas e continuam se abrindo. Projetos e acordos têm sido feitos. Temos que ocupar os espaços da cultura, formar sujeitos realmente aptos a dialogar com a sociedade, com a diversidade cultural, com a diversidade sexual, com a diversidade étnica, com a diversidade econômica. Estamos comprometidas com a formação desse profissional.

K.M.A. - Palavras finais?

M.M.G. - Eu queria dizer que não fui protagonista do processo [de criação do curso de Museologia] em nenhum momento. Acho que tem outras pessoas que foram, estiveram ali. Eu tive foi um privilégio de estar presente no processo, de acompanhar de perto esse processo de criação e consolidação da Museologia com muito carinho, participando dentro do possível. E era isso. Obrigada. [aplausos]

[Final do depoimento]



Presenciaram a entrevista com Marlise Maria Giovanaz:

Ana Carolina Gelmini de Faria,

Diogo Santos Gomes,

Igor Duarte Flores Pinto,

Isadora Medaglia Guarnier,

Jefferson Magueta Trevisan,

Jorge Fortuna Rial,

Klara Maciel Albarenque,

Lizandra Caon Bittencourt,

Sergio Luiz Valentim Júnior.



UFRGS
PPGMUSPA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO
EM MUSEOLOGIA E PATRIMÔNIO